

SAARA: caleidoscópio étnico no Rio de Janeiro

MARIANA PONTIM*

O presente trabalho aborda a região comercial abrangida pela Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega – S.A.A.R.A, da sua formação histórica e cultural até os dias atuais, com o objetivo de apresentar alguns dos resultados obtidos pela pesquisa iniciada em fevereiro de 2010 e cujo término está previsto para novembro deste ano, paralelamente em que se realiza o Inventário do território saarense, a fim de solicitar o registro da Saara como Patrimônio Cultural de natureza imaterial.

A proposta do INRC além de exigir, por um lado, o estudo de obras consagradas ao tema¹, por outro, pressupõe a reunião de um farto material de fontes variadas, o qual deve contemplar um leque aberto de possibilidades para o entendimento do tema, no caso, a SAARA. Dessa forma, impõem-se a produção de textos, entrevistas, registros audiovisuais, e a coleta de recortes de jornais e revistas atuais, de obras que se relacionam direta ou indiretamente com o objeto de estudo, e ainda, pequenos impressos, cartões, folders, convites, textos inéditos, manuscritos, relatórios técnicos, objetos, enfim, resultando em um arquivo que tende a ser o mais completo possível.

Mais ainda, o trabalho do inventário pressupõe não apenas a observação *in loco* e análise das fontes selecionadas e produzidas pelo pesquisador, mas a completa interação deste com a comunidade, traduzida como parte requerente e interessada na preservação de sua cultura, manifestada na sua atuação e no conhecimento do lugar, uma vez que o

* Mariana Pontim, bacharel em História pela Universidade Federal da Bahia e pesquisadora contratada para a realização do Inventário da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega – SAARA para o— Departamento de Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Superintendência Rio de Janeiro – DPI/IPHAN – RJ.

¹ Em relação ao estudo da SAARA. é importante mencionar a existência de cinco estudos dedicados ao tema, exibidos cronologicamente a seguir: 1. BLYTH, Annabella. **Cristalização espacial e identidade cultural**: Uma abordagem da herança urbana (o Saara, na área central da cidade do Rio de Janeiro). 1991. 2 v. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991; 2. WORCMAN, Suzane (coord). **Projeto Memória do Saara**. Rio de Janeiro: Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) / UFRJ, 1993-1996; 3. RIBEIRO, Paula. Saara – **Uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro** (1960-1990). 2000. 2 v.. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, PUC, São Paulo, 2000; 4. WORCMAN, Suzane. **Saara**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000, 74p. (Col. Cantos do Rio); 5. VALENTIN, Andreas. **SAARA**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2010, 135p.

objetivo principal do trabalho é proporcionar políticas públicas de manutenção e/ou reprodução de hábitos, costumes e culturas, conforme o interesse dela e de seus integrantes, enquanto sujeitos históricos ativos e produtores de cultura.²

A partir do entendimento da proposta metodológica do INRC e da aplicação deste para a produção do Inventário da Saara, como lugar passível de ação de salvaguarda³, teve início a fase do levantamento preliminar que, por sua vez, determinou o recorte temporal da pesquisa: da chegada dos primeiros imigrantes de origem árabe - síria e libanesa, sobretudo - nas últimas décadas do século XIX até os dias atuais.

História da SAARA

S.A.A.R.A.⁴ é, antes de tudo, uma sigla que corresponde a Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, mas vai além do uso das iniciais que lhe deram origem para significar um espaço tradicional da paisagem urbana do Rio de Janeiro. Não é um bairro tampouco um gueto, é, ao contrário, um território no Centro da cidade carioca constituído por 11 ruas, cerca de 1250 estabelecimentos comerciais e 600 escritórios distribuídos em sobrados, casas térreas, portas e edifícios, habitado por comerciantes oriundos dos mais variados países, os quais manifestam os mais diferentes credos, hábitos e práticas culturais e que, por questões impostas pela práxis social,

² Segundo o Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, que “Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que Constituem Patrimônio Cultural Brasileiro. Cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências”, as partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro são: o Ministro de Estado da Cultura; Instituições vinculadas ao Ministério da Cultura; Secretarias de Estado, Município e do Distrito Federal e Sociedades ou Associações Civis (artigo 2º). E cabe ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, manter banco de dados do material produzido durante a instrução do processo; ampla divulgação e promoção (artigo 6º); reavaliação há pelo menos 10 anos (artigo 7º); fica instituído, no âmbito do Ministério da Cultura, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, visando à implementação de política específica de inventário, referenciamento e valorização desse patrimônio (artigo 8).

³ Segundo o Decreto-Legislativo 22, de 08 de março de 2006, que “Aprova o texto da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, celebrada em Paris, em 17 de outubro de 2003”, o artigo 2 que diz respeito às “definições” de Patrimônio Cultural Imaterial, no item 3, especificamente, define o conceito de salvaguarda de um bem: “Entende-se por ‘salvaguarda’ as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal – e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos.

⁴ S.A.A.R.A., escrito exatamente dessa maneira, corresponde a Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega. SAARA, sem os pontos, refere-se à região comercial administrada pela Sociedade, cujo termo embora derivasse do primeiro, ao longo dos anos, ganhou autonomia e passou a nomear aquele território no qual nem todas as lojas e estabelecimentos comerciais são associados à entidade.

acabaram por dar contornos singulares a uma área inicialmente abandonada pelo poder público.

A história da SAARA remonta ao final do século XIX e início do século passado, quando imigrantes de origem semita - árabe e judeu, libanês e sírio, sobretudo - chegaram ao país fugidos das perseguições religiosas praticadas pelo Império Turco Otomano, cuja religião professada e oficial era o Islamismo, e que dominara a região onde se localizam a Síria e o Líbano entre os anos de 1516 a 1918 (data do término da Primeira Guerra Mundial), ou das dificuldades econômicas lá encontradas em virtude dos inúmeros conflitos, onde à paisagem rural e à economia agrária somavam a degradação física, a carestia e precariedade da vida.

Entre os sírios e libaneses a maioria era formada por cristãos maronitas e ortodoxos, sendo em menor número os católicos melquitas⁵ e muçulmanos. No caso dos judeus, devem-se levar em conta dois aspectos, os quais são complementares: primeiro, se subdividem em dois grupos, azquenazes e sefardis; segundo, ser judeu aponta para a adoção de uma religião específica, que apresenta uma doutrina própria, a qual é exercida de modo peculiar considerando o histórico cultural de cada sujeito e sua inserção na vida política, econômica e social de seu país, de sua cidade, de seu bairro e de sua relação familiar. Isto, para o grupo em questão e que se instalou na Saara, reporta para locais diversos, mesmo porque ainda não tinha sido fundado o Estado de Israel, datado de 14 de maio de 1948.

Os azquenazes (azquenazim ou azquenazitas) são oriundos de países setentrionais, em especial da Alemanha, da Áustria, da Rússia e de países da Europa Oriental. Sua origem tem a ver com as primeiras comunidades judias do século VI no noroeste europeu, Alemanha e norte da França. Falantes do ídiche⁶, eles se estabeleceram na freguesia de

⁵Católicos Melquitas: fiéis da vertente Melquita do Catolicismo. O termo Melquita surge da palavra árabe Malek, que significa 'rei' ou 'imperador'. Os melquitas são os cristãos orientais que seguem o rito bizantino e são fiéis aos patriarcados da Antioquia, de Alexandria e de Jerusalém. Na cidade do Rio de Janeiro, a Igreja Greco-Católica Melquita está localizada na Rua do Líbano, nº 17, sob a evocação de São Basílio e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sendo que esta foi a sede da Cúria Metropolitana dos Melquitas até 1954, quando foi transferida para São Paulo. Construída por sírios e libaneses, sua comunidade é formada por, além dos povos já citados, egípcios, palestinos e gregos, em sua maioria, brasileiros descendentes. Ver o site www.paroquiasaobasilio.com.br e a biografia de um de seus fundadores, Philippe Gebara, em CUNHA, Carlos Antônio. **Philippe Gebara**. Rio de Janeiro: Ed. Particular, 2007, 147 p.

⁶Ídiche: forma aportuguesada de iidisch, espécie de dialeto judeu-alemão, mantido pelo grupo azquenazita, termo que deriva do hebraico aschkanazitn, correspondente a alemão.

Santana, instalando-se na Praça Onze e arredores. Por sua vez, os sefardis (sefardim ou sefarditas), remontam às comunidades judaicas ibéricas estabelecidas durante a Idade Média e que, em virtude de leis que determinavam a expulsão dos judeus da Espanha, em 1492, e em Portugal, em 1531, dispersaram-se para outras regiões, tais como Turquia, Marrocos, Holanda, Bálcãs e continente americano. São estes, os sefardis, que se estabeleceram na freguesia de Sacramento, que englobava a região hoje conhecida como SAARA e seu entorno.⁷

Embora no Rio de Janeiro houvesse, desde a época imperial, nas cercanias do que mais tarde viria a ser a Saara, comunidades judaicas significativas, de origem predominantemente marroquina, que já apresentavam instituições, pequenas congregações e locais de culto, a imigração posterior de judeus na década de 1920 revela algumas diferenças com relação à “primeira leva”, como por exemplo, no que tange a nacionalidade desse novo grupo, agora formado por sírios e libaneses, oriundos de Damasco (Síria), Beitute, Sidon e Zahle (Líbano). Em relação ao distrito de Zahle, há um dado curioso, que nos foi contado pelo senhor Demétrio Charl Habib, Presidente de Honra da S.A.A.R.A.: “há uma rua em Zahle, no Líbano, que diz em letras garrafais: ‘até as parreiras no Líbano se curvam para um brasileiro passar’ – e acrescenta – não é por subserviência, é por agradecimento”⁸, tamanha foi a quantidade de pessoas que

⁷ Sobre a presença dos judeus no Rio de Janeiro ver: FRIDMAN, Fania. **Paisagem estrangeira:** memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007, 142p. RIBEIRO, Paula. Saara – **Uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro** (1960-1990). 2000. 2 v.. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, PUC, São Paulo, 2000. RIBEIRO, Paula. *Saara e Praça Onze*. In: **Revista de Estudos Judaicos**, Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, v. 8, p. 6-15, 2005. RIBEIRO, Paula. **Cultura, memória e vida urbana:** judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro (1920-1980). 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, PUC, São Paulo, 2008, 289p. WORCMAN, Suzane. **Heranças e lembranças:** imigrantes judeus no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Associação Religiosa Israelita, 1991, 336p. Além da obra produzida pelo escritor e comerciante da SAARA, de origem libanesa e de religião judaica, senhor Henrique Nigri, **Um clube chamado Macabeus**. Rio de Janeiro: ed. particular, 2010 que aborda o clube social da comunidade judaica no bairro da Tijuca, bem como de artigos publicados em periódicos eletrônicos sobre a história da SAARA: SAARA – *parte da nossa história começa aqui*. Nosso Jornal – Rio. Rio de Janeiro, n. 25, dez. 2008, p.15. Disponível em: <<http://nossojornalrio.dominiotemporario.com/doc/nossojornal25.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2010. NIGRI, Henrique. SAARA – *parte da nossa história começa aqui*. Nosso Jornal – Rio. Rio de Janeiro, n. 26, mar. 2008, p.15. Disponível em: <<http://nossojornalrio.dominiotemporario.com/doc/nossojornal26.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2010. NIGRI, Henrique. SAARA – *parte da nossa história começa aqui...* In João do Rio – Revista Eletrônica, ano 8, v. 43, jun/jul/2010. Disponível em: <<http://www.joaodorio.com/site/index.php?option=content&task=view&id=137>>. Acesso: 25 jul. 2010.

⁸ Entrevista concedida à pesquisadora do presente trabalho. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO

daí emigraram para o Brasil e que, ao retornarem como visitantes à terra natal, levaram notícias e comentários elogiosos daqui.

A vida no novo país era inicialmente difícil. Se num primeiro momento da chegada a realidade não correspondia por completo à expectativa criada, a partir das notícias propagadas pelos meios de comunicação da época, jornais, revistas, postais e até mesmo de informações obtidas por cartas de membros da família que aqui já moravam, em outro momento, a percepção da realidade alterava-se, à medida que os imigrantes conseguiam emprego, moradia, casavam-se, e não necessariamente com gente da mesma origem, e na luta diária pela sobrevivência, acabavam por desenvolver verdadeiras redes sociais, traduzidas na construção de Igrejas e salas de rezas, em escolas, nas festas e celebrações de caráter religioso⁹ – nascimento, casamento ou morte e louvação a santos - ou não, como aniversários, bailes, concursos de beleza, piqueniques, almoços coletivos em plena rua, peladas (jogo de bola), conversas entre vizinhos, cadeiras nas calçadas, conversa fiada nos botequins, nas esquinas, no meio da rua, nas varandas dos sobrados e até mesmo entre janelas. Quer dizer, no aprofundamento das relações humanas de sociabilidade e de inserção na vida local, adquiriam a “consciência” de que suas atividades eram importantes para além de questões individuais, e isto abrangia o próprio desenvolvimento e a expansão da cidade pela qual optaram em viver, mais especificamente, a Rua da Alfândega e cercanias.

A Rua da Alfândega, “a rua dos turcos” em alusão aos imigrantes sírios e libaneses era ao mesmo tempo ponto dos imigrantes recém chegados e pólo aglutinador dos diferentes povos. Eles aportavam no Cais Pharoux onde já eram orientados a seguir para a “rua dos sírios” - pode-se acrescentar que o fato de não ser uma imigração em massa e organizada, mas uma aventura individual forjou a concentração na Rua da Alfândega. Esta, antes da imigração árabe, já era uma região marcadamente comercial, e a sua localização próxima ao mar e perto das principais estações ferroviárias do Estado, notadamente a Central do Brasil e em segundo plano, a Leopoldina, somada à proximidade das linhas de bonde que passavam pela Av. Marechal Floriano e pela Praça Tiradentes, percorrendo a Praça da República e a Av. Passos, e a própria existência de

HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais: Projeto SAARA, 2010-2011 (Trabalho não publicado).

⁹ As festas até hoje celebradas na SAARA são: Carnaval, Páscoa, Pessah, Festa de São Jorge, Dia das Mães, Festa Junina, Dia das crianças, Yom Kippur, Rosh Rshaná e Ano Novo, sendo que desde 2008 ocorre a celebração da Festa Cigana em homenagem à Santa Sara (padroeira universal dos ciganos).

uma linha que, vindo da Central em direção à Praça XV, entrava na Rua da Alfândega, contribuía para que nessa região se moldasse atividades ligadas à compra e venda de produtos, uma vez que praticamente quase toda mercadoria aqui consumida (de tecidos a aviamentos, brinquedos e certos gêneros alimentícios, etc) era importada e depois distribuída para o restante da cidade e para outras regiões do país pelos mascates.¹⁰

Nas cercanias da Rua da Alfândega, o comércio já era exclusivamente atacadista, e mesmo com a chegada dos árabes e judeus, continuou sendo até a década de 1950. Somente na década de 1950, que o libanês Gabriel Habib, pai do senhor Demétrio Habib e fundador da maior loja da região, a *Habib e Filhos*, introduz o varejo na região, sendo imediatamente seguido pela loja do senhor José Kalache e gradativamente pelos demais estabelecimentos. Aos poucos o lugar foi se reconfigurando como um centro varejista, inicialmente na rua em questão para depois se espalhar pelas ruas adjacentes, estando a modalidade de atacado restrita a algumas lojas, extraordinariamente, desde a década de 1960.

A combinação, portanto de vários fatores: da especial localização da Rua da Alfândega e da sua estrutura viária, da concentração de imigrantes desde o século XVIII - ingleses alemães e franceses, além de portugueses e espanhóis em todo seu trajeto (RIBEIRO, 2000, p.90) - e ainda por conta de ser uma região pobre, carente de infraestrutura social, com pontos de prostituição, onde figuravam todos aqueles que de uma forma ou de outra eram marginalizadas pelas elites que se fazia representar no poder público atraíu esses novos imigrantes, que quando aqui chegavam, sem absolutamente nada, procuravam por parentes ou por ‘patrícios’ para se fixar no país. Existe, então, uma “herança urbana”, segundo o conceito de Annabella Blyth, que influenciou os padrões de utilização dos sobrados pelos árabes na região, cuja predominância hegemônica ocorre por volta da década de 1920/30 do século passado e que, muito futuramente, seria chamada de SAARA, apenas em 1962, com a fundação da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega – S.A.A.R.A.

¹⁰ Ver: BRASIL, Gerson. **História das ruas do Rio:** e da sua liderança na história política do Brasil. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000, 513p. COARACY, Vivaldo. **Memórias do Rio de Janeiro:** quatro séculos de histórias. 4 ed. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2008, 282p. EDMUNDO, Luiz. *Aspecto geral da cidade e de sua gente e Cais Pharoux e Praça XV.* In **O Rio de Janeiro do meu tempo.** 2 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, p.44-62; p. 91-120. HABIB, Demétrio Charl. SAARA. [198.] . Apostila oferecida a pesquisadores da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega

“A estrutura espacial, configurada pela malha viária e pelas edificações, confere ao lugar características que são apropriadas de modo singular, pelos comerciantes ali estabelecidos. Trata-se da rua como elemento fundamental do tipo de comércio praticado. De modo geral, as atividades de venda são desenvolvidas no térreo, havendo integração entre o interior dos estabelecimentos e o exterior, no caso, a rua, de uso exclusivo de pedestres (exceto a Rua Buenos Aires).” (BLYTH, 1991, p.72 e 73).

Segundo Paula Ribeiro, estudiosa da SAARA, os imigrantes que vieram para o Rio eram majoritariamente homens, jovens e solteiros provenientes de cidades pequenas ou aldeias agrícolas (RIBEIRO, 2000, 95), muitos deles imbuídos de melhorar a condição financeira e retornar posteriormente, quando já se encontrassem economicamente estáveis; outros, aqueles que eram perseguidos e discriminados, já não planejavam o retorno. Vinham para trabalhar no comércio, como vendedores ambulantes, conhecidos como caixeiros-viajantes ou simplesmente mascates, atividade que exigia pouco capital de instalação, para depois, conforme a quantia de dinheiro que conseguisse amalhar, alugar uma porta ou loja até comprar um ponto e fincar as bases do negócio, por fim, promover a sua expansão, seja através da ampliação da loja, seja através da aquisição de novos pontos comerciais. Em relação aos judeus, vale ressaltar que historicamente eles estão envolvidos com práticas mercantis, e na SAARA mantiveram essa tradição, com a venda de jóias e relógios, móveis, artigos de cama, mesa e banho e introduzindo a venda à prestação, daí serem chamados de prestamistas, assim definido pelo comerciante Henrique Nigri e ex-prestamista: *“Prestamista é o vendedor à prestação, é o cara que compra a mercadoria. É tecido, é bijuteria, (...) põe no ombro e vai de casa em casa. “D. Maria, tem coisa ‘banita’”.*¹¹

Suzane Worcman, quem coordenou a pesquisa sobre a SAARA pelo CIEC/UFRJ, entre os anos de 1993 e 1996, e escreveu a obra “SAARA” pela Coleção Cantos do Rio, atesta que a palavra mascate é bastante antiga, remetendo sua origem ao início do século XVI:

“A palavra mascate vem do vocábulo árabe, El-Matrac, e designava os portugueses que, auxiliados pelos libaneses cristãos, tomaram a cidade de Mascat, na Arábia, em 1507, onde iam levando mercadorias para barganhar. Eram, então, chamados de mascates em Portugal, mas no Brasil a palavra passou a designar os vendedores ambulantes de origem árabe” (WORCMAN, 2000, p. 26).

¹¹ Entrevista concedida à pesquisadora do presente trabalho. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais: Projeto SAARA, 2010-2011 (Trabalho não publicado).

Vê-se que o termo mascate está associado historicamente à imigração árabe no país e às atividades que eles desempenhavam: de vendedores ambulantes, cujo temo similar atualmente, seria o do representante comercial.

Tal como aconteceu com o ofício de mascate, o prestamista desapareceu, quer dizer, o termo deixou de ser utilizado e passou a ser o ‘representante comercial’, bem como não foi apenas o nome que se modificou, também a atividade sofreu transformações significativas não a ponto de impedir que semelhanças sejam estabelecidas, mas a ponto de caracterizar o ofício de prestamista como de determinada época e não de outra qualquer. O termo induz a outro período histórico, com outras relações sociais e a uma ‘outra cidade’.

Nesse contexto, os sírios e libaneses, incluindo aí devotos de todas as religiões e religiosidades, vão se unindo em torno de um ideal comum: a sobrevivência e a busca por uma vida melhor e mais confortável em comparação àquela que se tinha nos seus países de origem. Deve-se levar em conta que, se por um lado, o lugar aonde vão se instalar não era um dos melhores da cidade para se viver, por outro permitia que conseguissem além de trabalho, meios para se realizarem enquanto sujeitos, seja na liberdade de manifestar suas crenças e valores, seja na relação com o outro, com o diferente, mas com o qual se unia por ter experiências semelhantes, como o fato de se verem perante a população local como estrangeiros, o que eram de fato. Daí a necessidade de se congregarem, de se respeitarem mutuamente e de defenderem aquele espaço, pois nele não apenas encontrava-se o emprego, a fonte de renda para o sustento, mas a moradia e tudo que dela implica como convivência, lazer, laços de amizade.¹²

Assim, nos momentos cruciais de transformação da cidade, em especial as reformas urbanas que envolviam ou poderiam acarretar mudanças naquele território já marcado

¹² Algumas áreas de lazer e de convivência que garantiram a singularidade da SAARA: Clube Ginástico Português, Senhor dos Passos Futebol Clube, Igreja de São Jorge, Igreja do Santíssimo Sacramento, Campo de Santana, Praia das Virtudes, os sobrados que exerciam dupla função: moradia e trabalho, às vezes, aglutinando várias famílias, os restaurantes Du Nil, Cedro do Líbano e Sírio e Libanês, o Botequim Bunda de Fora, a Padaria Bassil, a Charutaria Syria, as escolas das cercanias, como a Escola Celestino Silva, o Jardim de Infância Campos Sales e a Escola Tiradentes, diversas lojas, o próprio espaço formado por ruas estreitas que facilitam a comunicação até mesmo de uma janela a outra. Com o tempo, porém, os povos ali instalados na SAARA vão criando suas igrejas e seus templos tanto nas cercanias da região quanto em outros bairros da cidade, especialmente Tijuca e Copacabana: 1. Igreja Greco-Melquita de São Basílio e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; 2. Igreja Ortodoxa de São Nicolau; 3. Igreja Maronita Nossa Senhora do Líbano; 4. Templo Sidon; 5. Sociedade Beneficente Muçulmana, além dos famosos clubes Monte Líbano e Sírio-Libanês.

pela existência de um grupo atuante, cujas práticas culturais já haviam criado raízes, a ponto de ser identificado como o ‘espaço árabe da cidade’, quando este espaço se vê ameaçado, eles se unem em defesa daquele que consideram o seu espaço por excelência. A primeira experiência que abala a comunidade ali instalada é a construção da Av. Presidente Vargas, onde ruas desapareceram, uma infinidade de casas e estabelecimentos comerciais, Igrejas e sinagogas, edifícios públicos ou particulares foram demolidos, e conseqüentemente laços foram desfeitos, vidas prejudicadas etc.¹³ Porém, com o passar dos anos, a ‘obra monumental’ foi percebida como uma necessidade e muito contribuiu para a prosperidade dos comerciantes da futura SAARA, uma vez que interligou a cidade no sentido norte-sul, e , se por um lado, forçava uma renovação na forma de comercializar seus produtos, pois o cliente já não estava nos bairros distantes, mas na porta do estabelecimento,¹⁴ isso obrigava o comerciante a vender em pequena quantidade, em diversificar o produto, em atender no balcão, em se preocupar com a embalagem, dentre outras coisas, por outro, naquele momento específico, serviu de prévia para que aqueles moradores e trabalhadores em geral se unissem ainda mais na defesa de seus interesses. Tanto que quando surge o projeto de construção da Via Diagonal, para ligar a Central ao bairro da Lapa, aquela região conhecida como ‘Zona do Centro’, ‘Pequena Turquia’ e que futuramente seria a ‘Saara’ seria cortada ao meio, entre o Campo de Santana e a Rua Regente Feijó, os comerciantes se organizam e fundam a Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, a S.A.A.R.A. propriamente, e por meio desta entidade, conseguem convencer o então Governador da Guanabara Carlos Lacerda a não concretizar o

¹³ Ver ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006, 147p. BLYTH, Annabella. **Cristalização espacial e identidade cultural**: Uma abordagem da herança urbana (o Saara, na área central da cidade do Rio de Janeiro). 1991. 2 v.. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991, v.145p., v.2 151p. LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Avenida Presidente Vargas**: uma drástica cirurgia. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1995, 143p. MEMÓRIA da destruição: Rio – uma história que se perdeu (1889- 1965). Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/ Secretaria das Culturas/ Arquivo da Cidade, 2002.

¹⁴ Nas cercanias da Rua da Alfândega, o comércio já era exclusivamente atacadista, e mesmo com a chegada dos árabes e judeus, continuou sendo até a década de 1950. Somente na década de 1950, que o libanês Gabriel Habib, pai do senhor Demétrio Habib e fundador da maior loja da região, a *Habib e Filhos*, introduz o varejo na região, sendo imediatamente seguido pela loja do senhor José Kalache e gradativamente pelos demais estabelecimentos. Aos poucos o lugar foi se reconfigurando como um centro varejista, inicialmente na rua em questão para depois se espalhar pelas ruas adjacentes, estando a modalidade de atacado restrita a algumas lojas, extraordinariamente, desde a década de 1960.

projeto, que já havia sido aprovado juridicamente e iniciado o processo de desapropriação e demolição de casas e sobrados.

A Sociedade, criada em 05 de outubro de 1962, idealizada pelo senhor Demétrio Habib e fundada por ele e mais 16 comerciantes, dentre sírios, libaneses, portugueses e descendentes destes, portanto, brasileiros, surge com o intuito imediato de abortar o projeto da Via Diagonal e mais do que isso, para representar juridicamente os interesses dos comerciantes frente ao Estado e para solucionar problemas internos, seja de infraestrutura da região, no que diz respeito ao calçamento e à limpeza das ruas, ao oferecimento de serviços para melhor comodidade dos trabalhadores e clientes, tais como banheiros, segurança, e atualmente conta com ambulância, ponto de táxi, transportadores e carregadores, seja para dirimir conflitos. Exemplo disso encontra-se no momento em que os chineses e coreanos chegam em grande número à região (década de 1990), causando em alguns comerciantes reações de intolerância e às vezes de repúdio aos novos imigrantes. No entanto, se inicialmente houve rejeição por parte de alguns, por parte da entidade isto não aconteceu. Rapidamente suas principais lideranças agiram em defesa dos novos imigrantes, pois o que estava em jogo era a SAARA, a sua funcionalidade e a sua principal bandeira, simbolizada pelo epíteto mais usado atualmente para a tradução daquele território: o de “Pequena ONU Brasileira”.

A década de 2000¹⁵, entretanto, mostra a superação dos conflitos entre árabes, judeus e asiáticos. De fato, os “asiáticos”, como coreanos, chineses e orientais ficaram conhecidos, modificaram a região, introduziram outra relação de trabalho, semelhante à que era mantida pelos árabes, no passado, no sentido de trabalharem e residirem no mesmo local, sendo o trabalho realizado por todos os membros da família, com participação mais atuante da mulher no próprio estabelecimento comercial, além de colocarem no mercado novos produtos que podem ser vistos em inúmeras lojas, tais como: flores artificiais, artigos para presentes em geral e venda de guarda-chuvas, contribuindo para outra imagem da SAARA, até então marcada essencialmente por lojas de tecidos, confecções de bijuterias, jóias e vestuários, armarinhos e lojas de aviamentos, típicos de árabes e judeus, os chamados ‘pioneiros’ pela população local.

¹⁵ O Bloco da SAARA, por exemplo, dedicou um enredo à presença dos asiáticos na região, cujo título foi: “A Ásia chega à SAARA e mostra a sua cultura”.

A fundação da S.A.A.R.A. acabou por remodelar geograficamente aquele espaço, inicialmente delimitado pela Av. Presidente Vargas, pelo Campo de Santana, pela Rua Buenos Aires e pela Av. Passos e ao longo da administração do senhor Ênio Bittencourt (desde 1989), ampliada até a Rua dos Andradas, como também, transformou a SAARA no “maior shopping a céu aberto da cidade, do estado, do Brasil, da América Latina”, segundo a ótica dos saarenses e admitida pela mídia. Ainda, a partir dela foram criados outros mecanismos de identificação e afirmação da comunidade e daquele espaço perante a sociedade carioca, são elas: a Rádio S.A.A.R.A. e a Revista S.A.A.R.A. Informa.¹⁶

A Rádio SAARA, criada em 1972, surge como veículo de utilidade pública, sendo esta justamente a sua principal função, atestada pelo jingle da própria rádio, “*Rádio SAARA, utilidade pública em primeiro lugar*”, como meio de divulgação de lojas e mercadorias, de notícias do cotidiano consideradas importantes e como veículo de comunicação entre o atual presidente da sociedade e idealizador da rádio, o senhor Ênio Bittencourt, quando este era o chefe de segurança da região, e a comunidade saarense. De linguagem simples e direta, a Rádio SAARA foi pioneira no Centro da Cidade e se converteu numa das principais rádios comunitárias do estado. Além disso, através da figura de seu diretor geral, Luis Antonio Baptista, conhecido como Bap, organiza eventos que ajudam a consolidar a imagem que se quer transmitir para o restante da população, tais como: o Bloco de Carnaval da SAARA, a SAARA Kids, o Arraiá da SAARA, o Concurso do Beijo, o concorrido concurso Garotas da Laje, a transmissão dos jogos da Copa do Mundo, especialmente os da seleção brasileira, realizada no ano passado, em que a Rádio ajudou nos preparativos para a celebração da festa na Praça do Mascate.

A criação do bloco, em 22 de março de 2008, reflete a inseparável ligação da SAARA, enquanto uma área marcadamente comercial, com a produção e/ou comercialização de tecidos, plumas e paetês e outros artigos simbólicos da festa das escolas de samba e ao

¹⁶ Tanto a Sociedade quanto a Rádio SAARA possuíam até pouco tempo dois sites de divulgação: www.saara-rj.com.br (site oficial da entidade que incluía a versão eletrônica da Revista SAARA Informa) e www.radiosaara.com.br, respectivamente. Contudo, desde 15 de março de 2011 que todos os sites oficiais foram unificados no endereço www.compreasaara.com.br, que de um simples portal de compras passou a ser o site da associação comercial com links diversos. Vale mencionar, ainda, a existência de um endereço *online*, não oficial e mantido por lojistas, o www.saario.com.br e um jornal chamado de Folha do Centro, com o qual a SAARA mantém convênio de publicidade, sendo distribuído gratuitamente em várias bancas da SAARA, do Centro ou então pelo site www.jornalfolhadocentro.com.br.

folião em geral. Muito do que é característico do carnaval da cidade, do seu espírito crítico, bem-humorado e zombeteiro deve-se às lojas que confeccionam ou revendem máscaras de figuras que se destacaram no cenário nacional por motivos, geralmente, não relacionados à ética, à moralidade pública, enfim, e acabam virando alvo de chacota pelos foliões. Por outro lado, reforça o caráter da SAARA, que fundada por imigrantes e descendentes de árabes e judeus, conseguiu ao longo do tempo, inserir-se nos costumes e hábitos locais, entenda-se carioca, e paralelamente transmitir à cidade e ao estado, e por onde quer que seja, sua imagem: a de ‘Pequena ONU’, como é conhecida, reverberando a ideia de que existe a possibilidade de se conviver harmoniosamente entre grupos de origens e credos diversos.

A Revista SAARA Informa – Informativo Mensal da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, por sua vez, não fica atrás em termos de participação nos eventos da SAARA, tampouco no que diz respeito à comunicação interna, e à importância que assume como voz oficial da entidade, embora seu alcance seja menor do que a rádio. Lançada em dezembro de 1994, com tiragem de dez mil exemplares, se diferencia do outro meio de comunicação anteriormente citado, pelo seu caráter oficial e pelo conteúdo com um viés mais popular e menos popularesco que a rádio. Existe uma preocupação óbvia em atingir o seu público, mas nota-se também a intenção de apresentar outros elementos culturais, como obras de arte, músicas reconhecidamente de qualidade superior aos estilos que predominam na rádio.

Há outro elemento, na SAARA, que nos últimos anos vem adquirindo importância simbólica e se consolidando como o ‘coração da SAARA’: a Praça do Mascate, cujo nome se deve justamente à escultura do Mascate aí localizada. A escultura foi uma homenagem prestada pela Confederação Nacional do Comércio em 1991 à S.A.A.R.A., como reconhecimento da figura do mascate como ‘desbravador do interior’ e da contribuição deste para o desenvolvimento do país. Desde então parece estar se convertendo no ponto de encontro para as festividades da SAARA. Nela ocorrem: a concentração do Bloco de Carnaval antes de desfilar pelas principais ruas da região, o Concurso do Beijo; o Concurso Garotas da Laje; no Natal, é o local por onde tem início a distribuição de presentes, além ter sido o ponto onde comerciantes, comerciários e clientes assistiram aos jogos da Copa do Mundo de 2010. Quer dizer, a sua representatividade vem aumentando e adquirindo novos contornos: se antes a figura do

mascate era uma homenagem da Confederação Nacional do Comércio ao símbolo maior da região, o mascate, figura simbólica das atividades exercidas por árabes, sobretudo; atualmente, ela representa a SAARA de outro modo, como ponto onde se realizam as mais diferentes manifestações culturais, não mais atreladas exclusivamente ao grupo formador, mas a práticas moldadas pela inserção do grupo formador à cidade do Rio.

É na Praça do Mascate que há dois anos ocorre a Festa Cigana em louvor a Santa Sara, e, no ano passado, a SAARA foi palco de um dos eventos mais simbólicos na região e para a comunidade saarense: A Caminhada Cultural Jovem na SAARA. Dois eventos completamente distintos, mas que realçam uma característica já identificada como “típica” da região: a valorização da pluralidade de manifestações culturais.

Sobre o futebol e a Copa do Mundo, em particular, e com base no levantamento preliminar e no trabalho em campo tem-se claramente a noção da importância do futebol brasileiro, como meio de inserção dos imigrantes, alguns naturalizados como Georges Ghazi e descendentes, cuja ligação cultural com a cidade se faz pela adoção de um clube e de uma escola de samba para torcer. Seu Demétrio Habib, descendente de libaneses, por exemplo, faz questão de mostrar sua carteirinha do Fluminense. Portanto, não é de estranhar que a Copa do Mundo, competição máxima do esporte bretão, seja comemorada na SAARA.

Em se tratando de SAARA, os laços afetivos andam amarrados aos laços comerciais, assim, tendo em vista a realização da Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016, no Brasil, a S.A.A.R.A. lançou um projeto denominado de “SAARA 2016”, que busca articular a SAARA com os eventos esportivos de grande porte que a cidade do Rio de Janeiro vai sediar, tendo como objetivo precípuo, trazer benefícios para a região, principalmente no que diz respeito às questões de infraestrutura, como por exemplo, ampliar o número de banheiros e melhorá-los, já que atualmente existem dois e são bastante modestos, melhorar a iluminação das ruas, a segurança, a limpeza, instalar fiação subterrânea, consertar o calçamento e melhorar a drenagem do solo, enfim, promover a reurbanização do espaço SAARA, entendido pela sua comunidade como região comercial, cultural e turística. (SAARA Informa, fev. 2011: 4).

Um aspecto interessante que envolve a SAARA é ver como ela é vista pela mídia em geral. A grande imprensa noticia festas e eventos e sempre às vésperas de algum feriado que estimula o consumo de presentes em geral, nessas horas, sempre aparece

uma reportagem sobre a SAARA: “*o maior shopping a céu aberto da cidade*”, “*local onde se encontra de tudo e com preços baixos*”, mas daí decorre também uma imagem caricata que lhe é associada e da qual a comunidade saarense parece não concordar inteiramente, como se pode constatar com o projeto de urbanização, anteriormente citado, de que a Saara seria um lugar mais do que singular, exótico e pitoresco, mas que na prática até certo ponto se confirma diante da impressão de bagunça, de algaravia que causa todas aquelas mercadorias expostas nas bancas das calçadas, os pregoeiros, as vinhetas e propagandas das lojas anunciadas em alto som pela Rádio SAARA, aquele monte de fios somados às fachadas coloridas preservadas ou deterioradas pelo tempo, o enorme contingente de pessoas em ruas estreitas disputando espaço com carrinhos de transporte de produtos para as lojas ou para ajudar algum cliente até o ponto de transporte mais próximo.

Há, no entanto algo na SAARA que a mídia valoriza, que só o fato de estar na SAARA basta para assegurar como verdadeira a visão que a SAARA transmite e faz questão de lutar, de preservar e de não restar dúvidas sobre o assunto, é quando se trata do respeito e da harmonia, muitas vezes da amizade, entre diferentes povos, de várias origens e credos. Nesse sentido, a SAARA exemplifica concretamente a possibilidade de convivência entre os diferentes, por isso a Caminhada com os jovens da ONU que vieram participar do III Fórum Aliança de Civilizações, no Museu de Arte Moderna entre os dias 27 e 29 de maio, foi realizada previamente na SAARA. A Sociedade insiste em manter essa tradição, inclusive seu símbolo é um capacete de Mercúrio (representando o trabalho) e um aperto de mão (representando a interação entre as pessoas), a comunidade colabora na prática diária e a autêntica imagem da região reverbera para o estado do Rio de Janeiro, através da mídia.

A SAARA ao longo de todos esses anos de existência teve de se adaptar, mais que isso, teve de se reinventar para continuar mantendo o que lhe é mais caro, um local eminentemente popular e diversificado. A SAARA cheira a povo, traduz seus gostos e lhe atende com educação, respeito e com produtos vendidos a preços baixos, além de mostrar ao mundo que é possível conviver em paz.

Referências bibliográficas

ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006, 147p.

BLYTH, Annabella. **Cristalização espacial e identidade cultural**: Uma abordagem da herança urbana (o Saara, na área central da cidade do Rio de Janeiro). 1991. 2 v.. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991, v.145p., v.2 151p.

BRASIL, Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que Constituem Patrimônio Cultural Brasileiro. Cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=295>>. Acesso em: 02 ago. 2011.

BRASIL, Decreto-Legislativo nº 22, de 08 de março de 2006. Aprova o texto da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, celebrada em Paris, em 17 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=536>>. Acesso em: 02 ago. 2011.

COARACY, Vivaldo. **Memórias do Rio de Janeiro**: quatro séculos de histórias. 4 ed. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2008, 282p.

COMPREENSAARA. Portal de compras da SAARA. Disponível em: <<http://www.compreensaara.com.br/>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

CUNHA, Carlos Antônio. **Philippe Gebara**. Rio de Janeiro: Ed. Particular, 2007, 147 p.

EDMUNDO, Luiz. *Aspecto geral da cidade e de sua gente e Cais Pharoux e Praça XV*. In **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, p.44-62; p. 91-120.

FOLHA DO CENTRO. Rio de Janeiro. Mar. 1997- ago. 2011. Mensal. Disponível em: <<http://www.jornalfolhadocentro.com.br/>>. Primeiro acesso em: 14 mai. 2010.

FRIDMAN, Fania. **Paisagem estrangeira**: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007, 142p.

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio**: e da sua liderança na história política do Brasil. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000, 513p.

HABIB, Demétrio Charl. SAARA. [198.] . Apostila oferecida a pesquisadores da Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000, 156 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais: Projeto SAARA, 2010-2011 (Trabalho não publicado).

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia.** Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1995, 143p.

MEMÓRIA da destruição: Rio – uma história que se perdeu (1889- 1965). Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/ Secretaria das Culturas/ Arquivo da Cidade, 2002.

NIGRI, Henrique. **Um clube chamado Macabeus.** Rio de Janeiro: ed. particular, 2010. -----. *SAARA – parte da nossa história começa aqui.* Nosso Jornal – Rio. Rio de Janeiro, n. 25 e 26, dez. e mar. 2008, p.15. Disponível em: <<http://nossojornalrio.dominiotemporario.com/doc/nossojornal25.pdf>> e <<http://nossojornalrio.dominiotemporario.com/doc/nossojornal26.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2011.

-----. *SAARA – parte da nossa história começa aqui...* In João do Rio – Revista Internética, ano 8, v. 43, jun/jul/2010. Disponível em: < <http://www.joaodorio.com/site/index.php?option=content&task=view&id=137>>. Acesso: 25 jul. 2011.

RÁDIO SAARA – A VOZ DO CENTRO DO RIO. História da Rádio Saara. Apresenta notícias, eventos, vídeos, fotos e história da região comercial da SAARA. Disponível em: <<http://radiosaara.com.br/>>. Acesso desde: 10 fev. 2010.

RIBEIRO, Paula. Saara – **Uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro** (1960-1990). 2000. 2 v.. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, PUC, São Paulo, 2000.

- . **Cultura, memória e vida urbana:** judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro (1920-1980). 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, PUC, São Paulo, 2008, 289p.
- . *Saara e Praça Onze*. In: **Revista de Estudos Judaicos**, Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, v. 8, p. 6-15, 2005.
- ROCHA, Oswaldo Porto. **A era das demolições:** cidade do Rio de Janeiro 1870-1920. 2 ed.. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 183p.
- SAARA. História da Saara. Iniciativa: Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega. Disponível em: <<http://www.saara-rj.com.br/>>. Acesso desde: 10 fev. 2010.
- SAARA INFORMA, Rio de Janeiro: S.A.A.R.A., n. 1, dez. 1994 – (Coleção).
- SAARA RIO. História da Saara. Iniciativa: lojistas da SAARA. Disponível em: <<http://www.saarario.com.br/>>. Acesso desde: 10 fev. 2010.
- VALENTIN, Andreas. **SAARA**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2010, 135p.
- WORCMAN, Suzane. **Heranças e lembranças:** imigrantes judeus no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Associação Religiosa Israelita, 1991, 336p.
- (coord). **Projeto Memória do Saara**. Rio de Janeiro: Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) / UFRJ, 1993-1996.
- . **Saara**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000, 74p. (Col. Cantos do Rio).